
REVISTA
SCIENTIFICA E LITTERARIA

DIRECTORES

Antonio Feijó e Luiz de Magalhães

COLLABORADORES

Dr. Emygdio Garcia, Dr. Corrêa Barata, Dr. Augusto Rocha,
Aristides da Motta, A. Feijó, J. Botelho Riley, Leopoldo Mourão, Luiz de Magalhães,
Luiz Woodhouse, Carlos Lobo d'Avila, João Pinto dos Santos,
A. Henriques da Silva, Manuel da Silva Gayo, Luiz Osorio,
A. Rodrigues Braga, Eduardo de Araujo, Pedro de Mascarenhas Gaivão,
Alfredo Vieira, Miguel Baptista da Silva,
etc., etc., etc.

Redacção e administração—Rua da Trindade, 36—COIMBRA

COIMBRA
IMPRENSA ACADEMICA

SUMMARIO DO NUMERO 2.º

Deducção da Lei dos Isómeros.....	A Rodrigues Braga.
Lyrismos (<i>poesia</i>).....	A. Henriques da Silva.
A Russia e os Nihilistas.....	P. de Mascarenhas Gaivão.
Supplica (<i>soneto</i>).....	Eduardo de Araujo.
Bachante (<i>soneto</i>).....	Luiz Osorio.
Astronomia.....	Luiz Woodhouse.
Esphyngue Eterna (<i>poesia</i>).....	Antonio Feijó.
Duas palavras de philosophia.....	Dr. Augusto Rocha.
Os pós d'arroz (<i>continuação</i>).....	Luiz de Magalhães.
Bibliographia—III <i>Sonetos</i>	L. de Magalhães.

À ORDEM

Só duas palavras.

Esta beata de lingua suja fica banida das paginas d'esta *Revista*. Tanto ella, porém, como o reverendo Senna Freitas levaram já o merecido correctivo nas columnas da *Correspondencia de Coimbra*.

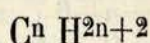
De resto ella, coitada, agora apenas mette dó, tão tonta anda com o celebre caso do *perú*.

C. L. D'A.

REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA

N.º 2	JANEIRO	1881
-------	---------	------

DEDUCCÃO DA LEI DOS ISOMEROS DA SERIE



E' sabido que as unicas condições algebricamente formulaveis, relativas á determinação de todos os isomeros, theoreticamente possiveis, d'um hydro-carbureto da serie $C_n H^{2n+2}$, são expressas pelas equações

$$\left. \begin{aligned} 4x + 3y - 2z + u &= 2n - 2 \\ x + y + z + u &= n \end{aligned} \right\}, \dots \dots \dots (1)$$

nas quaes u, z, y e x representam o numero de atomos de carbone que em cada isomero perdem respectivamente 1, 2, 3, 4 atomicidades, e n o expoente de C no hydro-carbureto de que se trata.

Todavia, como applicando a essas equações o processo geral da analyse indeterminada, se encontra

$$\left. \begin{aligned} x &= n - (z + 2) - 2t \\ y &= 3t - [n - (z + 2)] \\ u &= (n - z) - t \end{aligned} \right\}; \dots \dots \dots (2)$$

e como estas expressões dão, para cada valor inteiro de z , desde $z=0$ até $z=n-2$, valores inteiros e positivos para x, y e u , logo que nellas se tomem valores convenientes para t , isto é, taes que, além de inteiros, seja, para cada valor de z ,

$$\frac{n - (z + 2)}{3} < t < \frac{n - (z + 2)}{2};$$

segue-se que as condições (1) são sufficientes para a resolução d'um tal problema.



Posto isto, vejamos se os systemas formados por cada um dos valores de z com os correspondentes de x , y e u que se deduzem de (2), seguem ou não uma lei determinada. Para isso, tomando successivamente $z = n - 2, n - 4, n - 5, n - 6, \dots, 0$ (1), e applicando as fórmulas e considerações anteriores, determinemos os valores positivos e inteiros de x , y e u , que satisfazem, com o correspondente de z , ás condições (1); e reunamos os systemas assim obtidos, pelos mesmos valores de x , em diferentes grupos.

D'este modo obteremos:

$$\begin{aligned}
 1) \quad & \left. \begin{array}{l} z=n-2 \\ x=0 \\ y=0 \\ u=2 \end{array} \right\} , \left. \begin{array}{l} z=n-4 \\ x=0 \\ y=1 \\ u=3 \end{array} \right\} , \left. \begin{array}{l} z=n-6 \\ x=0 \\ y=2 \\ u=4 \end{array} \right\} , \left. \begin{array}{l} z=n-8 \\ x=0 \\ y=3 \\ u=5 \end{array} \right\} , \left. \begin{array}{l} z=n-10 \\ x=0 \\ y=4 \\ u=6 \end{array} \right\} , \dots \\
 2) \quad & \left. \begin{array}{l} z=n-5 \\ x=1 \\ y=0 \\ z=4 \end{array} \right\} , \left. \begin{array}{l} z=n-7 \\ x=1 \\ y=1 \\ u=5 \end{array} \right\} , \left. \begin{array}{l} z=n-9 \\ x=1 \\ y=2 \\ u=6 \end{array} \right\} , \left. \begin{array}{l} z=n-11 \\ x=1 \\ y=3 \\ u=7 \end{array} \right\} , \left. \begin{array}{l} z=n-13 \\ x=1 \\ y=4 \\ u=8 \end{array} \right\} , \dots \\
 3) \quad & \left. \begin{array}{l} z=n-8 \\ x=2 \\ y=0 \\ u=6 \end{array} \right\} , \left. \begin{array}{l} z=n-10 \\ x=2 \\ y=1 \\ u=7 \end{array} \right\} , \left. \begin{array}{l} z=n-12 \\ x=2 \\ y=2 \\ u=8 \end{array} \right\} , \left. \begin{array}{l} z=n-14 \\ x=2 \\ y=3 \\ u=9 \end{array} \right\} , \left. \begin{array}{l} z=n-16 \\ x=2 \\ y=4 \\ u=10 \end{array} \right\} , \dots \\
 4) \quad & \left. \begin{array}{l} z=n-11 \\ x=3 \\ y=0 \\ u=8 \end{array} \right\} , \left. \begin{array}{l} z=n-13 \\ x=3 \\ y=1 \\ u=9 \end{array} \right\} , \left. \begin{array}{l} z=n-15 \\ x=3 \\ y=2 \\ u=10 \end{array} \right\} , \left. \begin{array}{l} z=n-17 \\ x=3 \\ y=3 \\ u=11 \end{array} \right\} , \left. \begin{array}{l} z=n-19 \\ x=3 \\ y=4 \\ u=12 \end{array} \right\} , \dots
 \end{aligned}$$

Ora, por estas fórmulas reconhece-se, não só

a) que em cada grupo um systema qualquer se fórma do precedente subtraindo duas unidades a z , e junctando-as, uma a y e outra a u (o que só se poderá levar até que venha $z=0$ se o valor d'esta incognita no primeiro systema fôr par, e $z=1$ se esse valor fôr impar); mas ainda

(1) Não fallamos em $z=n-3$ por que não ha valor algum inteiro de t que satisfaça á condição $\frac{1}{3} < t < \frac{1}{2}$.

que dá

$$N = \frac{n^2 + 2n + 4 - r^2}{12}; \dots \dots \dots (a)$$

e para n par e r impar, progressões (5),

$$N = \frac{(n-2)-0+2}{2} + \frac{(n-5)-1+2}{2} + \frac{(n-8)-0+2}{2} \\ + \dots \dots \dots \frac{[n-(n-r)]-1+2}{2}$$

ou

$$2N = n \cdot \frac{(n-r)-2+3}{3} - \left[\left(\frac{2+(n-r)}{2} \right) \cdot \left(\frac{(n-r)-2+3}{3} \right) \right] \\ - \left[1 \times \left(\frac{(n-2)-r+3}{3} \right) \right] + \left[2 \times \left(\frac{(n-2)-r+3}{3} \right) \right]$$

que dá

$$N = \frac{n^2 + 2n + 1 - r^2}{12} \dots \dots \dots (b).$$

Mas, como (a) se transforma em

$$N = \frac{n^2 + 2n + 4}{12} \dots \dots \dots (8)$$

quando é $r = 0$, e tanto (a) como (b) se transformam em

$$N = \frac{n^2 + 2n}{12} \dots \dots \dots (9)$$

quando na primeira se faz $r = 2$ e na segunda $r = 1$; segue-se que

«o numero de isomeros d'um hydro-carbureto da serie $C_n H^{2n+2}$, em que n é par, é dado pelas fórmulas (8) ou (9) conforme $\frac{n-2}{3}$ é inteiro ou fraccionario».

Operando sobre as progressões (6) e (7) como fizemos sobre as (4) e (5), acha-se, para as primeiras,

$$N = \frac{n^2 + 2n + 1 - r^2}{12}, \dots \dots \dots (a')$$

e para as segundas

$$N = \frac{n^2 + 2n - 2 - r^2}{12} \dots \dots \dots (b')$$

E como (a') dá

$$N = \frac{n^2 + 2n + 1}{12} \dots \dots \dots (10)$$

para $r = 0$, e tanto (a') como (b') dão

$$N = \frac{n^2 + 2n - 3}{12} \dots \dots \dots (11)$$

quando na primeira se faz $r = 2$ e na segunda $r = 1$; segue-se que «o numero de isomeros d'um hydro-carbureto, da serie de que tratamos, e em que n é impar, é dado por (10) ou (11) segundo $\frac{n-2}{3}$ é inteiro ou fraccionario».

Deduzidas como se acham as fórmulas que dão o numero de isomeros possiveis d'um hydro-carbureto da serie $C_n H^{2n+2}$, vejamos se estes numeros, dispostos pela ordem crescente de n seguem ou não uma lei determinada.

Para isso, suppondo n par e tal que $\frac{n-2}{3}$ seja inteiro, deduzamos — empregando convenientemente as fórmulas (8), (9), (10) e (11) —, os valores de N correspondentes a $n+1$, $n+2$, $n+3$, $n+4$, $n+5$, $n+6$; e escrevemol-os depois de (9) para os compararmos com elle.

D'este modo teremos

$$\frac{n^2+2n+4}{12}, \frac{n^2+4n}{12}, \frac{n^2+6n+8}{12}, \frac{n^2+8n+16}{12}, \frac{n^2+10n+24}{2},$$

$$\frac{n^2+12n+32}{12}, \text{ e } \frac{n^2+14n+52}{12};$$

ou — escrevendo todos estes valores a partir do segundo em função do primeiro, e expressando depois as segundas parcelas de cada um d'estes, em função da segunda parcella do segundo, depois de simplificada —

$$\frac{n^2+2n+4}{12}, \frac{n^2+2n+4}{12} + \frac{n-2}{6}, \frac{n^2+2n+4}{12} + 2\left(\frac{n-2}{6}\right) + 1,$$

$$\frac{n^2+2n+4}{12} + 3\left(\frac{n-2}{6}\right) + 2, \frac{n^2+2n+4}{12} + 4\left(\frac{n-2}{6}\right) + 3,$$

$$\frac{n^2+2n+4}{12} + 4\left(\frac{n-2}{6}\right) + 4, \text{ e } \frac{n^2+2n+4}{12} + 6\left(\frac{n-2}{6} + 1\right).$$

Ora, estes valores que são a expressão geral de qualquer grupo de sete termos seguidos da serie em questão, a começar por um correspondente a n par e tal que $\frac{n-2}{3}$ seja inteiro, — podem escrever-se sob a fôrma

$$T_{(p)}, T_{(p)} + p, T_{(p)} + 2p + 1, T_{(p)} + 3p + 2, T_{(p)} + 4p + 3, T_{(p)} + 5p + 4,$$

$$T_{(p)} + 6(p + 1), \dots \dots \dots (12)$$

visto que fazendo o inteiro $(1) \frac{n-2}{6} = p$, d'onde $n = 6p + 2$, vem

$$\frac{n^2 + 2n + 4}{12} = 7 + 3(p-2)(p-1).$$

E assim, como $p = \frac{n-2}{6}$ toma successivamente e respectivamente os valores 0, 1, 2, 3, 4, ..., para $n=2, 2+6, 2+12, 2+18, 2+24, \dots$; vê-se que as expressões (12), deduzidas como o fizemos, nada mais traduzem do que a generalisação das leis descobertas a este respeito, em contestação á falsa indução de mr. Naquet, pelo ex.^{mo} sr. dr. Albino Giraldes ⁽²⁾.

Coimbra.

A. RODRIGUES BRAGA.

(1) Se n é par e $\frac{n-2}{3}$ inteiro, este ultimo valor é par, e por isso tambem $\frac{n-2}{6}$ é inteiro. A reciproca é visivelmente verdadeira.

(2) Vid. Note sur la loi des isomères de la serie $C^n H^{2n+2} - 1$. vol. das «Questions de Philosophia natural» do sr. dr. Albino Giraldes.

LYRISMOS

Ó bando immaculado! ó brancas pombas mansas,
que ides banhando em luz os alvos peitos finos,
oh! vinde-lhe trazer meiguices de crianças,
e vinde-lhe beijar os dedos pequeninos,
ó bando immaculado! ó brancas pombas mansas!

Ó aves matinaes! ó lêdas cotovias!
que pelo azul verteis as harmonias sãs
das francas expansões das castas alegrias,
cantae-lhe o hymno bom das tépidas manhãs,
ó aves matinaes! ó lêdas cotovias!

Ó violetas! vós, ó mysticas amantes,
que a gente vê dormindo á beira dos caminhos,
sonhando um sonho bom d'aromas penetrantes,
em quanto ao longe ha festa e a musica dos ninhos!
ó violetas! vós, ó mysticas amantes,

em tanto que ella passa, a minha dôce amada,
immersa no clarão da tarde côr de rosas,
mandae-lhe uma caricia, amiga e perfumada,
na aragem que lhe beija as tranças amorosas,
em tanto que ella passa, a minha dôce amada!

Tu gostas de envolver, ó pallido luar,
com as azas de luz, enormes e lascivas,
aquelle corpo breve, e gostas de beijar
o seu cabello quente, as suas carnes vivas....
afaga-a docemente, ó pallido luar!

Tu sempre vens do ceu aos intimos noivados,
como se Deus sorrisse ao bem-querer das almas...
embala a minha amante em sonhos prateados,
e fala-lhe de mim naquellas noites calmas
em que tu vens do ceu aos intimos noivados!

25 de abril de 1878.

A. HENRIQUES DA SILVA.



A RUSSIA E OS NIHILISTAS

No meio d'este impulso de transição, que actua em todos os povos da Europa, tendendo a elevá-los d'estes systemas politicos para outros superiores e mais conformes ás sociedades e ás opiniões, ha um povo, enorme nas suas dimensões geographicas e grande na civilização scientifica, sobre o qual se estende a infecunda sombra de um throno absolutista—é a Russia. Porém, se na direcção apparente, peza sobre ella a carregada atmospherá do absolutismo, na região do pensamento, as opiniões e idéas modernas correm em todos os cerebros, elevam toda a nação.

Esta desigualdade de nivel entre as convicções de um povo e o governo que o rege, não podia permanecer por muito tempo, e os direitos populares espalhando-se sobre a velha sociedade, forçosamente a haviam de destruir e arrazar, para sobre os seus fragmentos elevar o edificio da sociedade moderna. E' esta grande reforma que se está operando agora na Russia, onde o desespero de uma nação oppressa irrompe por todos os póros sob as formas da morte e do extermínio.

Ante este espectáculo realmente sinistro, inflammam-se muitas indignações, e a figura do valente czar apparece illuminada por muitas sympathias, no fundo escuro de uma nação enorme, que se debate horriavelmente nas convulsões da miseria e só esperançada pela sublimidade de uma idéa.

Um dos pontos mais importantes pelo qual atacam os nihilistas, consiste em dizer que têm em vista somente destruir e aniquilar as instituições presentes, sem levantarem outras por onde se possa regular o paiz nos diversos e innumerables ramos da sua vida social. Mas este mal, que uma falsa comprehensão das leis sociaes attribue ao cego e indeterminado desenvolvimento das idéas modernas, recae exclusivamente sobre os poderes, que evitando a marcha uniforme das instituições politicas e do desenvolvimento scientifico e moral dos povos, produzem sempre as resistencias radicaes que só trazem inconvenientes e atrasos.

Os governos devem ir cedendo sempre o passo ás modificações que lhes são impostas pela opinião dos povos; as revoluções não são mais do que erupções causadas pela effervescencia da sociedade que o vigor de uma idéa aquentou, e que a ignorancia conservadora tentou abafar, sob os gelos de uma oppressão estúpida.

E assim, a revolução franceza foi uma consequencia necessaria do atrazo enorme do governo em relação aos pensamentos da epocha. O que se podia destruir pouco a pouco, ao passo que se formavam novas instituições, tombou repentinamente; e ao passar esse furor rapido e implacavel, conheceu-se que simplesmente se tinha destruido, sem se

fundar a sociedade sobre os principios que n'ella existiam. A historia revolta da França no começo d'este seculo, mostra perfeitamente este phenomeno que, como todos os sociaes, se observa egualmente no mundo physico. Assim se oppozemos a uma corrente obstaculos quasi insuperaveis, podemos por um certo tempo evitar a sua passagem, mas ella redobrando de força, ou impelle e arraza todas essas barreiras, ou galgando por cima d'ellas, lá vai n'uma horrivel cataracta destruir tudo o que se oppoz ao seu curso fatal: obedece á gravidade como os povos obedecem ao progresso.

É tambem este phenomeno que se opera na Russia, que a valentia mal entendida de um homem lança n'um verdadeiro estado de anarchia. O mal não provém de quem obedece ás tendencias da sua epocha e ás inspirações da sua livre consciencia, mas sim de quem quer oppôr um elemento material e estúpido a uma corrente intellectual e sublime; o mal não vem dos desgraçados da Siberia, mas sim do Cezar de S. Petersburgo.

Além d'isto, na intelligencia dos povos, as idéas succedem-se continuamente, de modo que ao passo que um pensamento novo vai ganhando as convicções, as idéas que lá estavam vão enfraquecendo successivamente até serem completamente absorvidas; como um artista que tendo uma porção limitada de massa, para lhe dar uma forma tem de destruir a configuração que antes tinha.

No mundo intellectual, no desenvolvimento das opiniões antes de se manifestarem na constituição dos estados, passa-se este phenomeno com a maxima regularidade e simultaneamente sobem umas idéas e descem outras, como os dois pratos de uma balança com pesos deseguaes. Porém, na manifestação practica das opiniões, á qual se oppõem immensos obstaculos resultantes da força e resistencia dos sistemas estabelecidos, do desigual alcance das intelligencias, dos prejuizos, etc., succede que as idéas só se propõem como baze das sociedades, quando já por muito tempo ferveram nas intelligencias, produzindo revoluções lamentaveis em factos particulares, mas necessarios.

É esta a razão porque na Russia as idéas modernas se levantam de um modo violento, o que resulta tambem, assim como o atrazo politico d'aquella nação, da heterogeneidade de elementos que a constituem.

Realmente estendendo-se por todos os climas da Europa, desde as frias regiões do Norte até á viva natureza do Caucazo, encontra-se a Russia formada de elementos inteiramente differentes e oppostos, de indoles radicalmente diversas, de organizações completamente discordantes. Raças differentes se encontram ahi formando a mesma nacionalidade, que deve sempre obedecer ás tendencias de uma raça, e que assim neutralisa os seus diversos desenvolvimentos, produzindo uma desigualdade de idéas e opiniões, um verdadeiro cahos politico e social.

Por isso, ao passo que os diferentes povos da Europa tomavam a liberdade como dogma fundamental da sua religião politica, a Russia, não podendo unanimemente erguer-se, oscillava sómente, continuando immersa na escuridão do absolutismo.

O pensamento humano continua a progredir, a humanidade evolue-se e novas idéas brilham no horisonte politico dos outros paizes, ao passo que a Russia nem ainda sequer pode alcançar a verdadeira posse dos principios, que a revolução franceza offereceu a toda a humanidade.

Este espectáculo degradante inflamma com energia o espirito avançado do imperio, e a resistencia das velhas instituições auxiliada por uma grande parte conservadôra ou retrogada, que sempre deve haver n'um paiz de elementos tão heterogeneos, occasiona e produz esta lucta de morte, que fatalmente ha-de terminar pela victoria do progresso e da liberdade, porque aliás violavam-se as inevitaveis leis da evolução continua da humanidade.

Uma energia intima impelle continuamente a sociedade para o progresso, manifestando-se diversa mas constantemente em todos os povos e em todas as raças; a historia não é mais do que a linha traçada por ella, accidentada por escolhos, que se vencem e por abysmos, que se galgam.

E assim como até hoje o pensamento nunca repousou, nas eras futuras continuará progressivamente a trabalhar, levando por divisa a constancia e tendo por fim a—civilisação.

Coimbra.

PEDRO DE MASCARENHAS GAIVÃO.



SUPPLICA

O lyrio delicado, á beira d'uma estrada
estende para o ar as petalas franzinas:
mendigo, pede ao ceu as gottas cristalinas
de orvalho matinal,—o pranto da alvorada.

A supplica é ouvida; e, quando a luz doirada
do sol vem iriando as joviaes campinas,
vae no seio encontrar das folhas pequeninas
a alvura sensual, macia, perfumada.

O lyrio supplicante é o meu amor ardente,
—esta flôr ideal d'um mimo transcendente
desabrochada n'alma. O ceu és tu, creança:

e se não queres vêr a flôr emmurhecida
pendendo para o chão a face resequida,
orvalha-a n'um sorriso, envolve-a n'uma esp'rança.

Coimbra.

EDUARDO D'ARAUJO.

BACCHANTE

Admiro essa mulher! No movimento brusco
que imprime ao corpo airoso offerecendo um beijo,
relembro, extasiado em lubrico desejo,
um typo que sonhei e que de ha muito eu busco.

Na *pose* esculptural simelha um vaso etrusco
se a mão sobre o quadril assenta com despejo;
e quando volve o olhar em fulgido lampejo
é opio sensual com que a razão offuscol...

O artista pasma absorto ante o prodigio! e prestes,
accorda a tentação de lhe rasgar as vestes,
beijar-lhe a correção das linhas, descobril-o,

e contemplar suspenso a fórma deslumbrante,
o molde mais perfeito, a encarnação radiante
do assombro genial—a criação de Milo!—

Coimbra.

LUIZ OSORIO.

ASTRONOMIA

(HYPOTHESE COSMOGONICA)

Para explicar a causa dos movimentos primitivos do systema planetario e a sua origem, recorria Laplace aos seguintes phenomenos:

Os movimentos dos planetas no mesmo sentido e proximamente no mesmo plano; os movimentos dos satellites no sentido dos movimentos planetarios; as rotações concordando com as do Sol, no sentido da velocidade de projecção; a pequena excentricidade das orbitas. Admittia a preexistencia de um globo, que possuísse toda a massa do systema solar, e toda a sua energia manifestada pelo movimento de rotação e, fazendo intervir a acção do calor e a força centrífuga, deduzia naturalmente uma distribuição de massas e de movimentos, que proximamente correspondem ao que hoje conhecemos. O Sol, um globo incandescente, era cercado por uma atmosphera, que um calor intensissimo dilatára até além do raio da maior orbita planetaria.

Pelo resfriamento subsequente do nucleo central resultaram uma contracção e um augmento de velocidade, que se devia communicar a toda a atmosphera. Seguia-se então o predominio da força centrífuga, e portanto a formação de zonas gazosas, girando em concordancia com a rotação solar, e independentes da atmosphera que se retrahia. Mais tarde a condensação da materia á roda de um centro predominante em cada zona, dava lugar, pela reproducção do phenomeno, á formação dos planetas e seus satellites.

Como consequencia d'estas idéas resulta:

1.º Que a rotação do planeta se effectua em um periodo inferior ao da revolução do satellite.

2.º Que se deve admittir como directo o movimento de todos os planetas e seus satellites.

E assim era no tempo de Laplace. Ora, se é licito especular sobre a formação do nosso systema planetario, sobre os seus movimentos primitivos, é necessario tambem não esquecer que as hypotheses mais verosimeis, apoiando-se sobre um numero maior ou menor de factos conhecidos em certa epocha, precisam de ser verificadas por aquelles de que mais tarde tivermos conhecimento, e que quando estes se apresentem incompativeis ou contradictorios com a hypothese formada, ou rejeital-a ou refundil-a. A hypothese de Laplace hoje é insufficiente. Os poderosissimos meios de observação de que dispõe a Astronomia moderna revelaram-nos factos em opposição formal com esses dois collarios.

Hezschell descobriu em 1781 o planeta *Urano*, situado além de *Neptuno*, e nos seus satellites reconhecia-se mais tarde um movimento retrogrado. O satellite de *Neptuno*, descoberto por Le Verrier em 1846

para além de *Urano*, tem egual movimento. E não será natural pensar que a rotação do planeta concorda com a dos seus satellites?

Há outro facto ainda, uma descoberta recente. Em outubro de 1877 descobriram-se com o equatorial de Washington dois satellites de *Marte*. O mais proximo do planeta effectua a sua rotação em 7^h, 39^m emquanto que o periodo do planeta é 24^h 37^m. Attendendo a estes factos como poderemos conceber a formação do nosso systema?

Um astrónomo illustre, mr. Faye, apresentava o anno passado as suas idéas sobre esta materia, as quaes examinaremos nos seus pontos capitaes. (1)

Laplace, já foi dito, invocava uma extrema dilatação da atmosphera solar por acção de um calor intenso. (2)

Qual a origem d'este calor? Poderá attribuir-se a uma região quente do espaço, que o systema em formação houvesse atravessado; mas é uma supposição puramente gratuita (3).

Accresce ainda que poderia muito bem a contracção da atmosphera acompanhar o augmento de força centrifuga por fórma tal, que a attracção predominasse sempre, d'onde resultava a impossibilidade de formação de zonas gazosas.

Depõem ainda pouco em favor da hypothese as modernas idéas sobre a constituição solar, em que não tocamos hoje, porque demasiado longe nos levariam do nosso assumpto.

Mas seria então a massa do sol, que, primitivamente dilatada por todo o espaço occupado hoje pelo systema, arrefecendo e contrahindo-se, abandonára fragmentos da sua massa, roubados pelo dominio da força centrifuga sobre a attracção?

Segundo o astrónomo que citámos tal facto nunca se poderia dar. Designemos por D , R , r , α , n a densidade central do Sol, o raio equatorial, uma distancia qualquer ao centro, uma pequena fracção e uma arbitraria. Exprimamos uma certa lei indeterminada das densidades por

$$D \times \left[1 - (1 - \alpha)^n \sqrt{\frac{r}{R}} \right]$$

A massa do Sol será

$$M = \frac{4}{3} \pi R^3 D \frac{1 \times 3 \alpha n}{1 \times 3 n}$$

(1) *Comptes Rendus de l'Académie des Sciences*—1880.

(2) *Exposition du système du monde*.

(3) Do mesmo modo se quiz explicar a producção dos gelos da epocha post-pliocène. Ahi, alem de hypothese gratuita, reconhece-se hoje que nada póde explicar e ninguém a acceita.

e o momento de inercia

$$J = \frac{8}{15} \pi R^5 D \frac{1 \times 5 \alpha n}{1 \times 5 n}.$$

Supponhamos que o Sol não perde massa.

Chamando ω a velocidade angular, temos $\omega J = p$, sendo p constante. Eliminando J e D entre as tres equações e, designando por β a parte dependente de α , teremos $p^2 = \omega^2 R \cdot M^2 \beta^2 R^3$.

Ora, actualmente temos

$$\omega'^2 R' = \frac{1}{28000} \times \frac{g M}{R'^2} \text{ ou } p^2 = \frac{1}{28000} g M \beta'^2 R'$$

e portanto se o Sol não perdeu massa, podemos eliminar p e virá

$$\omega^2 R = \left(g \frac{M}{R^2} \right) \times \frac{1}{28000} \left(\frac{\beta'}{\beta} \right)^2 \frac{R'}{R}$$

que realmente mostra que por muito grande que seja a variação da lei da densidade, $\frac{\beta'}{\beta}$ não variará muito e a força de attracção deve ter predominado sempre.

Ora, rejeitando a intervenção do calor, que dilatava a atmospha solar para mais tarde se contrahir e abandonar as massas planetarias; rejeitando tambem a condensação do Sol, espalhando pelo espaço os planetas em formação—imaginemos, com mr. Faye, a materia do nosso systema diffundida homogeneamente em um espaço globular enorme, muito para além da orbita de Neptuno.

A attracção de uma massa assim constituida sobre os pontos interiores é proporcional á sua distancia ao centro, e esses pontos descreverão circulos ou ellipses cujo centro coincide com o centro da massa, quando postos em movimento por alguma força impulsiva.

Se esta materia diffusa, além do seu movimento de translação no espaço, fosse tambem dotada de um movimento turbinoso ⁽¹⁾ sobre um eixo, poderiam formar-se zonas ou anneis circulares, de preferencia nas proximidades do plano equatorial, emquanto que a materia das regiões estranhas a estes movimentos regulares cahiria para o centro descre-

(1) Na constellação dos *Lebreus* existe uma nebulosa em spiral, perfeitamente traçada, com dois centros de condensação e rasto de materia diffusa.

vendo orbitas ellipticas muito alongadas. Este movimento, combinado com a resistencia do meio, provocaria certamente a formação do nucleo, a condensação progressiva da materia no centro do systema, combinada com a acção d'ora ávante continua e crescente da attracção central.

Assim diminuiria constantemente a resistencia do espaço; appareceria naturalmente o desenvolvimento do calor, porque se sabe que quando uma massa gazosa se concentra ha transformação de trabalho em calor equivalente por equivalente; e o systema tenderia sem interrupção para o seu estado actual, condensando-se os nucleos, diminuindo o raio das orbitas, e accelerando-se os movimentos. Os cometas, que difficilmente se imaginam estranhos ao nosso systema, poderiam explicar-se como provenientes de mateira de ordinario extra-equatorial, e até mesmo das regiões polares, que conseguisse atravessar, descrevendo a sua longa orbita, a parte central do systema, e n'este seu movimento soffrendo a acção ininterrompida do Sol que se condensava, acabasse por descrever ellipses cujo fóco coincindisse com o centro da primeira orbita. Os movimentos d'estes corpos poderão ser directos ou retrogradados, e grande ou pequena a inclinação das orbitas.

Retomando a lei das densidades já formulada, explicam-se os phenomenos de rotação de Urano e Neptuno.

Procurando o quadrado da velocidade tangencial e determinando a sua variação relativamente á distancia, encontra-se que a velocidade cresce até

$$r' = \left(\frac{2}{3} \frac{1 + 3n}{(1-\alpha)(1+2n)} \right)^n$$

decrecendo depois. A zona formada além de r' tem maior velocidade interior do que exterior, e, se pela condensação dér logar a um planeta o seu movimento deve ser retrogrado.

Eis os pontos capitaes da concepção que mr. Faye substitue á hypothese de Laplace. Que esta hoje não explica, ou melhor, que esta hoje se oppõe a factos bem averiguados é innegavel; mas que as idéas de mr. Faye possam ser elevadas á cathegoria de hypothese scientifica tambem nos parece muito contestavel.

A' nitidez e precisão da hypothese de Laplace, que desaparecem completamente, substituem-se umas explicações vagas de mais para satisfazerem; no entanto parece-nos uma tentativa de reconstrucção curiosa e bastante digna de attenção, e que poderá servir de ponto de partida para uma verdadeira theoria completa e precisa.

Coimbra.

LUIZ WOODHOUSE.

ESPHYNGE ETERNA

Ce qui est au delà du savoir positif, soit, matériellement, le fond de l'espace sans borne, soit, intellectuellement, l'enchaînement des causes sans terme, est inaccessible à l'esprit humain. Mais inaccessible ne veut pas dire nul ou non existant.

.
C'est un océan qui vient battre notre rive, et pour lequel nous n'avons ni barque ni voile, mais dont la claire vision est aussi salutaire que formidable.

É. LITTRÉ.

Aquella estranha Voz que sôa a meus ouvidos
cheia de maldições e cheia de gemidos,
como a voz de Kaïn vibrando a immensidade
da funda escuridão d'uma longinqua edade;
aquella estranha Voz prophetica e sublime,
que sem tremer combate as repulsões do crime
com a força gigante e a valentia heroica
da serena expansão d'uma firmeza estoica,
e muitas vezes toma o rude e largo acento,
que é o verbo da Justiça e a luz do Ensinamento;
aquella estranha Voz que eu ouço alem vibrar
como o enorme bramido insolito do Mar;
que o mais largo Porvir descerra e prophetisa
mostrando-nos ao longe o Bem como divisa;
que accende do Passado a chamma transitoria
e vem das solidões cahoticas da Historia,

— responde com desprezo e rudes ironias
aos problemas crueis e ás duvidas sombrias
que ferem a Rasão como aceradas lanças!
Debalde tento erguer as velhas Esperanças

aos páramos do Ceu alevantando os olhos...
Mas a Rasão baqueia entré parceiros e escolhos,
a Consciencia treme, a Consciencia hesita.
Não basta contemplar a abobada infinita,
não basta unicamente ouvir dizer que Deus
habita na região vastissima dos Ceus.
Não basta compulsar os livros de Moysés
nem olhar como um crente os astros e as marés,
ou saber que Israel passára o Mar Vermelho.
Não é sufficiente a letra do Evangelho...
P'ra salvar a Rasão das trévas onde cáe
inflammem-se de novo as sarças do Sinay!
Que o saber alimente e eleve a Intelligencia!
Para tranquillisar a nossa Consciencia
não basta simplesmente o que nos diz a Fé:
o que ensinou Jesus e o que ensinou Mahomet.
Andam as religiões em continuada lucta.
A fé encheu na Grecia a taça da cicuta,
alevantou a Cruz no cimo do Calvario,
e no doido furor de monstro sanguinario
para abafar a voz da Rasão, que troveja,
encerrou Galileu nos carceres da egreja;
e como um sacrificio ao Deus sombrio e fero
mandou queimar João Huss e excommungou Lutherol

Vale mais do que a Biblia e mais que o Alkorão
a radiosa luz d'uma constellação.

A Natureza é como um grande livro aberto.
Mas se acaso a Rasão, no grande vôo incerto,
procura descobrir as Causas e as Origens,
apossam-se de nós as tragicas vertigens
que nos podem levar, num rude cataclysmo,
aos marasmos da Fé e ás sombras do Atheismo!
Se procuro saber que força incoercivel,
que prodigioso Ser, que espirito intangivel
d'um só jacto arrancou do Cahos o Universo;
se procuro saber que Genio anda disperso
na grande solidão da azulea curvidade;
se pergunto:—Quem foi que deu á Immensidade
o lampejo dos sóes e das constellações

cravadas no Infinito?—As mil revoluções
 dos astros immortaes na orbita gigante,
 quem foi que as regulou no seu gyrrar constante?
 Em meio da incerteza e do cruel tormento
 deixo-me arrebatado na aza do Pensamento...
 Mas o mysterio atroz e horrivel em que scismo,
 tem a attracção fatal, tem a attracção do abysmo!
 E entre o Principio e o Fim o espirito oscillando,
 com a ancia febril do sabio meditando
 na grande solução d'algum problema eterno,
 é como uma bandeira aos vendavaes do inverno!

Na tremenda loucura e no tremendo incendio
 da Duvida que esmaga e que é um villipendio
 ao poder da Rasão, da Intelligencia Humana,
 empenho-me de novo em outra lucta insana!
 Interrogo o Passado, as religiões e os mythos,
 os povos e as nações, os idolos e os ritos...
 mas quando dou começo á minha lucta ingloria
 ouço de novo ao longe a rude voz da Historia.
 Cheio de hesitações e de perplexidades
 entro calado e só no Templo das Edades.
 Ao transpôr os umbraes da tenebrosa nave
 humilimo e sereno e respeitoso e grave,
 abysma-se a Rasão no immenso labyrintho...
 Vejo ante mim, de pé, todo o Passado extincto!
 E aquella estranha Voz que sôa a meus ouvidos
 como um soturno côro enorme de gemidos
 vibra na immensa nave e falla-me:

«Poeta!

Debalde attingirás a ambicionada meta.
 Jámais encontrarás a solução que buscas.
 Nessa batalha horrenda a intelligencia offuscas
 sem que vejás brilhar o facho da Verdade.
 Pódes interrogar o Ceu e a Immensidade,
 a aguia que esvoaça e as aguas murmurantes,
 as nevoas matinaes e os astros scintillantes,
 o monte que se eleva ao firmamento azul,
 os rumores da selva e os furacões do sul.
 Pódes interrogar os mysticos segredos

que fizeram brotar os cedros e os rochedos,
os mysterios do amor, dos berços e dos ninhos. . .
Has de rasgar os pés nestes sarças maninhos,
que a Razão não descobre e a Sciencia não attinge,
mas não decifrarás a tenebrosa Esphyngel!

Pódes interrogar os deuses fabulosos,
os mythos orientaes, os ritos caprichosos,
os idolos mongoes e as tribus africanas,
que nada mais verás do que ficções humanas!
Em vão procurarás o Verbo scintillante
nos labios de Platão e na razão de Kant.
Nunca descobrirás esse fatal problema.
Se o buscas, tombarás neste cruel dilemma:
desprezar a Sciencia ou abraçar a Fé!

Investiga, interroga e estuda em toda a parte
os problemas da Sciencia e as intuições da Arte.
Vôa do Mar do Norte aos indicos palmares,
dos paizes do Sul ás regiões polares
interrogando a Terra e interrogando o Homem. . .
Nunca dissiparás as trévas que te somem
a vasta solução em que d'ha muito scismas,
em que a tua razão e a intelligencia abysmas!
Se ousares perguntar:—Quem arrancou o Mundo
do Cahos primitivo horrivel e profundo;
quem foi que deu as leis que regem a Materia
e os astros dissipou pela amplidão etherea. . .
—hão de te responder sinistros e velozes
na grande confusão dos gritos e das vozes:
os indios bradarão, num gesto reverente,
que o Eterno Creador foi Brahma Omnipotente;
na China hão de clamar que foi a luz do Sol. . .
E em toda a parte e sempre, o arabe e o mongol,
no Egypto e no Japão, selvagens e judeus,
cada um ha de bradar por seu diverso Deus!
A Trindade Christã, o Ser Supremo, Allah,
são ficções que a Rasão de todo expulsará:
como Jupiter, Zeus, Cybeles e Saturno,
nas sombras do Passado immergem a seu turno:
o Olympto está deserto; os deuses exilados

andaram-se a exhibir na rampa dos tablados.
A Rasão que salvou a Humanidade escrava
envolveu Jehovah na sua ardente lava,
e extinguiu para sempre a treva—Preconceito!

Eu quiz desopprimir-te o suffocado peito,
e arrancar-te de lá o ultimo prejuizo...
Hoje ninguem receia o *Dia do Juizo*,
que os deuses, como vês, são todos verdadeiros
como os heroes d'Homero, os inclitos guerreiros...

Fatal contradicção da miseravel sortel!
Que tudo venha a ser tocado pela Mortel!
Que nada, nada seja eterno e perduravel,
e tudo se transforme! E' como os furacões,
o Tempo, que destroe as crenças e as nações!
Ceci tuera cela...

Mas nunca desesperes.
Para que o sentimento e a força retemperes,
contempla com assombro o Espaço e a Natureza,
e deixa-te enlevar na esplendida grandeza
dos astros e dos sóes, constellações e mundos!
Os teus olhos febris, cavados e profundos,
hão de arrancar talvez o mystico segredo
às convulsões do Mar e às vozes do arvoredo!
A Sciencia não chegou a descobril-o; a Arte
às regiões do Ideal é que ha de arrebatat-te,
nos vãos da Intuição!...»

Assim fallara a Voz,
que o echo repetiu num fremito veloz
que se perdeu no Espaço. Olhei então á roda:
a Primavera enchia a Natureza toda
de perfumes e sons—tudo formava um cantico.
Parecia um espelho o rumoroso Atlantico.
O largo Sol pairando enorme e rutilante
no gyro colossal da ecliptica gigante,
beijava—austero amigo—os lyrios das campinas,
coloria, esmaltava os trevos e as boninas,
fazendo scintillar cheio d'ignotos brilhos
o bosque rumoroso e os lourejantes milhos!

Ao vêr por toda a parte a Natureza em flôr,
 num connubio sagrado em convulsões d'amôr,
 de joelhos adorei o Espirito secreto,
 que fez brotar no monte o solitario abeto
 e fecundou no prado o cardo trivial. . . .
 No grande turbilhão da Vida universal
 existe um Deus occulto . . . A flôr que desabrocha
 em meio d'aridez, das fendas d'uma rocha,
 é uma alma que se expande. . . .

Em impetos nervosos,
 beijei da Natureza os flancos uberosós
 nos arroubos febris d'um extasis constricto. . . .

Cheio de gloria, o Sol, pairava no Infinito! . . .

Coimbra.

ANTONIO FEIJÓ.

DUAS PALAVRAS DE PHILOSOPHIA

Pensam muitas pessoas, alheias e indifferentes á marcha de moderno espirito phylosophico, ou systematicamente inimigas de toda a innovação por interesse, por ignorancia ou vicio de intelligencia e educação; pensam que a phylosophia positiva é um systema devido á preoccupação obstinada de um espirito enfermiço, ou quando muito resultante do isolamento orgulhoso de um pensador mal humorado e rebelde. Suppõe que essa phylosophia, que tem visto alargar o seu campo e crescer o numero dos seus adeptos com a marcha dos acontecimentos em todas as esphas da actividade contemporanea, foi uma concepção de alguma maneira repentina e isolada, sem raizes na grande massa de conhecimentos e sciencias particulares. Ha até quem queira sustentar e pretenda diffundir a idéa de que a philosophia positiva, nos seus inicios abandonada e quasi desconhecida, deve os seus successos e vulgarisação actuaes ao auxilio dos partidos revolucionarios, que vêem no character subversivo d'aquella philosophia um meio excellente de reunir e agrupar os dissidentes na politica, na sciencia, na religião, os perturbadores da ordem, os conspiradores de toda a organização so-

cial respeitavel, isto é theocratica e religiosa, emfim, os atheus, os republicanos, os socialistas, os demagogos, os reprobos.

Estas opiniões, que afinal o proprio positivismo considera como representantes de estados mentaes atrazados, e explica por motivos perfeitamente claros e comprehensíveis, precisam de ser refutadas, combatidas e eliminadas. E corre aos positivistas o dever de o realisar com toda a serenidade sem se apaixonarem com as invectivas, as injurias, os arremessos que por calculo ou irreflectidamente lhes possam dirigir.

Não foi o positivismo comtista a preocupação obstinada nem a concepção solitaria e orgulhosa de um pensador. Embora tal philosophia fosse delineada nos seus traços mais salientes em uma epocha fertil pelas concepções philosophicas, não só em sciencias naturaes, mas sobretudo nos conflictos economicos, industriaes e sociaes; embora Augusto Comte principiasse por sectario d'esse celebre Saint-Simon, que tanto ruido promoveu entre os economistas e socialistas nascentes: o grande philosopho não se inspirou, para constituir a parte fundamental do seu systema, das aventuras emocionistas e sentimentaes proprias d'aquellas tentativas, nem dos alvoroços irreflectidos dos alchimistas de uma nova pedra philosophal. A inspição comtista, isto é, a chave e o fundamento da sua philosophia, encontra-se nas origens scientificas que elle foi compulsar e meditar. Por um lado as mathematicas estavam para assim dizer constituidas com a pleiade de mathematicos que desde Viete e Descartes chegára até Laplace. Por outro lado a chimica, a physica, a historia natural, a anatomia, a physiologia, pelo trabalho incomparavel dos seus iniciadores, tinham assentado as grandes bases da sua constituição e descoberto os largos horisontes do seu desenvolvimento e aperfeiçoamento. A propria sociologia, ainda nem sonhada talvez, apresentava, nos mesmos esforços dos utopistas, as premissas indecisas e os lineamentos obscuros de futura definição systematica, ao passo que os primeiros problemas industriaes, colligando materialmente as sciencias e as necessidades sociaes, mostravam já a cadeia de relações que estabeleceria a continuidade, essencial em uma philosophia completa.

Foi n'este meio um pouco cahotico que Comte appareceu com a sua capacidade portentosa de coordenação e synthese. Dotado de faculdades de estudo absorventes e assimiladoras até ao prodigio, disciplinado no começo dos seus estudos com os methodos da analyse, embebecido pelas doutrinas que em torno fervilhavam, e das quaes ressaltava timidamente a plena restauração das sciencias naturaes e a sua unidade, o reformador pode encontrar o fio philosophico que devia dirigir as sciencias particulares, e obter a organização e coordenação definitivas

dos conhecimentos esparsos e na apparencia contradictorios que se iam accumulando.

Resume Littré, seu continuador e discipulo, o sabio veneravel que soube desembaraçar a doutrina do mestre do que ella tinha de abstruso, de completal-a no que tinha de imperfeito, de affeiçoal-a aos progressos mais recentes e transformal-a em harmonia com o seu espirito nas partes que o estudo ulterior ia pedindo; resume, dizemos, por estas eloquentes palavras os serviços de Comte: «M. Comte fût illuminé des rayons du génie. Celui qui, à l'issue de la mêlée confuse du XVIII^e siècle, aperçut, au commencement du XIX^e, le point fictif ou subjectif qui est inhérent à toute théologie et à toute métaphysique; celui qui forma le projet et vit la possibilité d'éliminer ce point, dont le désaccord avec les spéculations réelles est la grande difficulté du temps présent; celui qui reconnut que, pour parvenir à cette élimination, il fallait d'abord trouver la loi dynamique de l'histoire, et la trouva; celui qui, devenu, par cette immense découverte, maître de tout le domaine du savoir humain, pensa que la sûre et féconde méthode des sciences particulières pouvait se généraliser, et la généralisa; enfin celui qui, du même coup, comprenant l'indissoluble liaison avec l'ordre social d'une philosophie qui embrassait tout, entrevit le premier les bases du gouvernement rationnel de l'humanité; celui-là, dis-je, mérite une place, et une grande place, à côté des plus illustres coopérateurs de cette vaste évolution qui entraîna le passé et entraînera l'avenir».

Para chegar a estes grandes resultados o trabalho de Comte foi verdadeiramente extraordinario. Não só teve de possuir toda a sciencia do seu tempo, mas de ser dotado de uma imparcialidade e lucidez incomparaveis. Com esses dois elementos, com o assombroso poder de concepção e coordenação que possuia, elle pode comparar os innumerados factos, proprios a todos os grupos scientificos artificiaes então existentes, dirimil-os e coordenal-os em series, extrahir d'elles o principio ou lei que os ligava entre si, e combinal-os por fim serialmente na sua ordem natural. Soube discriminar para cada grupo, assim constituido, o valor dos methodos de investigação, que, sendo sempre os mesmos para todas as sciencias, têm todavia diverso papel, consoante a complicação e hierarchia da sciencia a que se destinam e servem. Soube finalmente constituir com elementos considerados antinomicos, com a massa ingente e confusa de sciencias incipientes, e mal seguras em suas tentativas, um corpo geral de doutrina admiravel, que, se tem sido encontrada menos verdadeira em muitas particularidades, se tem sido desmentida ultimamente, em pontos especiaes, pelos progressos mais recentes, pela descoberta de novos factos, pela constituição força-

da de outras sciencias, nem por isso perde nada do seu espirito geral, synthetico, da sua coordenação logica, historica e natural.

Se o positivismo, pois, não proveiu de uma obstinação subjectiva e pessoal, rebelde e orgulhosa, nem foi architectado isoladamente e fóra do rigoroso exame dos factos, antes nasceu da contemplação meditada e analytica da sciencia do tempo; se jungiu por uma lei de continuidade o patrimonio da sciencia humana, desde os seus inicios axiomáticos e elementares até á sua intrincação humanitaria e social; se essa philosophia, expurgada dos erros e imperfeições a que está sujeita sempre a obra do homem, se alarga cada vez mais, e, ao contrario de muitos outros systemas, recebe no seu amplo dominio, para catalogar, os multiplices factos, as novas theorias, e até as hypotheses, que o movimento incessante de investigação universal vae produzindo na tela scientifica; se está demonstrado que longe de ser um codice immutavel, e portanto, como todos os evangelhos, opposto á propria natureza do espirito humano, é uma disciplina maravilhosa que abre seguramente cada dia novas fontes á exploração; que sem esforço recebe na sua comprehensão systematica, os estudos e descobertas recentes, pondo em evidencia as suas leis e relações:—se o positivismo preenche todos esses requisitos, é que não só chegou opportunamente pelo momento em que appareceu, mas até porque conciliou em uma subida constituição synthetica o espirito geral de todas as sciencias.

O outro erro dos que agora pretendemos refutar consiste em attribuir os successos do positivismo ao interesse que d'ahi auferem as escolas politicas avançadas. Ora a questão é outra inteiramente. O positivismo veio mostrar em sociologia as inconveniencias da sentimentalidade revolucionaria. Por este motivo dirimiu claramente o que em politica eram seguras aquisições, do que eram apenas hypotheticos enlevos. Encontrando a lei dinamica da historia mostrou a cada escola revolucionaria o que havia de legitimo e logico em suas aspirações e o que era symplesmente metaphysico, incoherente e extemporaneo. A auctoridade da philosophia foi crescendo pelo rigor das suas leis e previsões; homens de superior quilate, deixando-se dirigir por ellas, obtiveram resultados praticos e soluções uteis, que d'outra fórmula se não poderiam jámais alcançar. Assim, pois, aquelles mesmos que, por vicio de sciencia ou de temperamento, se costumam deixar mover por desejos impacientes e prematuros, começaram a entender que era preciso sujeitar-se a um criterio e disciplina philosophica, sem a qual poderiam perturbar a evolução humana, mas nunca servil-a com proveito. Desde então a democracia europêa tem caminhado de victoria em victoria seguramente, pacificamente.

Não foram, pois, os partidos revolucionarios buscar á philosophia positiva o apoio necessario aos seus successos e occorrencias. O que elles têm feito é ir abandonando todos os dias as pretensões inconvenientes e irracionaes; têm-se despedido successivamente de cada uma das suas exaggerações perturbadoras; têm-se ligado e adstricto mais apertadamente ás leis sociologicas que o positivismo vae determinando. A philosophia positiva é uma systematisação serena e fria; os partidos revolucionarios são órgãos de acção, violentos muitas vezes. Para que elles alcancem o successo, não basta tomar essa etiqueta philosophica, e continuar indisciplinadamente no mesmo caminho anterior; é necessario contentar-se com as soluções regulares, e pelos seus meios de acção e propaganda, ampliar o ambito d'essas soluções e tornal-as mais proveitosas e generalisadas.

Ahi está como se restabelecem com a maxima facilidade alguns dos muitos erros e preoccupações que grassam entre individuos, ás vezes dotados das melhores intenções, mas separados por muitas causas do percurso que seguem no mundo as doutrinas scientificas e philosophicas, cujo advento, em vez de ser um accaso, é meramente um producto complexo do proprio labor d'esta maravilhosa evolução que, como disse Littré, arrastou o passado e arrastára o porvir.

AUGUSTO ROCHA.

OS PÓS D'ARROZ

— Historia de uma iniciação —

(CONTO)

(Continuação)

Dous dias se passaram sem que Roberto voltasse a casa de sua tia. Ao terceiro appareceu, no fim do jantar.

Estavam ainda á mesa, numa bella salla fresca que dava sobre o terraço d'onde a vista abrangia o delicioso panorama da Fóz. Uma meia claridade, entretida pelas persianas verdes, afogava a salla e os moveis numa obscuridade pensativa e doce. A mobilia em raiz thuya com incrustações de pau preto, sobresahia num tom avermelhado sobre o fundo escuro do papel côr de chumbo *moiré*. Ao centro da salla a

mesa elliptica allumiava-se de reflexos coloridos nos seus crystaes facetados sobre a mancha immaculadamente branca da toalha russa adomascada.

As duas senhoras sentadas *vis-á-vis* não trocavam uma palavra. D. Marianna corria com a vista um jornal. Paulina com a cabeça cahida para traz, encostada ao espaldar elevado da cadeira, perdida numa distracção sem limites, olhava no vago afagando machinalmente um grande Angora branco e nervoso.

Roberto entrou seguindo seu pae, nm velho pequenino, de cabellos côr de neve, direito e riço como um rapaz, typo de velho negociante inglez retirado do commercio.

Houve uma alegria enorme pela visita, recriminações entre os dois irmãos por ausencias sem motivo.

Roberto sentou-se ao pé da prima e disse-lhe com o seu bom sorriso, translucido de franqueza:

—Acho-te hoje triste. Não pareces a mesma...

Paulina córou.

—Não tenho nada. E' imaginação tua.

—Antes assim. Eu odeio os tristes. A tristesa é uma cousa inutil.

E depois de uma pausa:

—Mas para que estás tu aqui na sombra?... Vem tomar ar para o terraço.—O nosso terraço! Lembras-te o que aqui brincamos? Tenho mesmo na idéa aquelle dia em que tu ficaste dependurada para o lado de fóra do parapeito, sobre o quintal das visinhas.... E eu afflicto, sem poder contigo, a chamar por tua mãe. Recordas-te tia Marianna?

Roberto já tinha subido uma persiana e fallava da hobreira da janella.

—E outra vez com o Carlos quando elle queria roubar os pecegos d'aquella visinha muito velha.... como se chamava ella?... Joaquina.... a senhora Joaquina, justamente. Pobre Carlos! Nunca mais o tornei a ver.... Disse-me hontem a tia Eduarda que estava casado para o Alemtejo. Sabes alguma cousa d'elle?

Paulina alguma cousa sabia que a fez redobrar de rubor.

—E' bem infeliz, disse ella, sahindo para o terraço.

—Infeliz? em que?

—Desintelligencias de familia....

—Com o pae talvez? O pae gostava mais do irmão Jorge...

—Não.... Se fôsse com o pae....

—Então não se dá bem com a mulher?!

—Parece que não....

—Oh! pobre rapaz! Pois era digno de melhor sorte se deu o que promettia. Talvez leviandades de paixoneta. Cascu-se de certo com alguma *coquettesinha* que o acceitou logo, para se ver *senhora de si*, como ellas dizem.... Mas é que é uma desgraça, Paulina! Estas senhoras portuguezas estão de todo. Hoje, por um acaso, estive na Praça Nova. Encontrei alguns rapazes do meu tempo que me reconheceram.

Que linguas! Não vi passar ninguem, que não levasse golpe na casaca. Se é certo o que aquelles senhores dizem das meninas do Porto, não se póde casar aqui. Eu tambem....

E calou-se com uma reticencia, como se notasse que tinha sido talvez franco de mais.

Paulina estava escarlate.

Roberto notou-o e sentiu uma picadella de remorso na consciencia.

—Fui brutal e inconveniente, disse comsigo. Talvez esta pobre estouvada tenha no fundo a materia prima de uma bôa rapariga.

E como a fitasse mais, escapou-lhe um *oh!* sinceramente admirativo.

Paulina não trazia pós d'arroz e desfrizára o cabello! Porque seria?!...

—Que quer dizer esse *oh!*? perguntou ella com espanto.

Pela sua vez Roberto córou. Sentia-se embaraçado. Mas de repente tomou uma resolução:

—E' o principio de um cumprimento que te dirijo por teres abolido o pó d'arroz e os frisados.

Paulina sentiu o cumulo da perturbação.

—Ora essa! murmurou ella enleuada.

—E prasa a Deus, continuou Roberto sorrindo-se, que esse proposito de desterrares do teu toucador tão antipathicos ingredientes prevaleça no teu espirito.... por toda a eternidade.

—Mas que mal te podem fazer os nossos pobres pós d'arroz?

—Que mal? Nenhum, está claro. A mim só me fazem rir. Eu odeio-os como odeio toda a mentira, toda a hypocrisia, todo o disfarce ridiculo. Custava-me ver-te com elles, porque te não davam o bom ar que o meu affecto me fazia desejar que possuisses. Assim estás mais sincera, mais como tu és. E accredita, Paulina, que uma mulher é tanto mais distincta quanto mais simples são as suas *toilettes*, e as suas maneiras. Vocês, as senhoras portuguezas, têm o modelo invariavel de Pariz. Que horror, pequena! A moda francesa é a cousa mais *shocking* que eu conheço. Não te rias! Achas-me talvez banal tratando com tanto fogo um assumpto de *toilette*? Mas não tens razão. De ordinario pela *toilette* se conhece a mulher.... Uma rude franqueza, Paulina. Eu aposto como tu, com os teus vinte e tres annos nunca pensaste um segundo no que farias se ámanhã te achasses casada. Ganhei?....

Paulina sorriu-se embaraçada.

—Se eu logo vi, pequena! Olha, ante-hontem, quando te abracei, disse comigo ao ver todo o teu luxo: —Minha prima não sabe o que vae hoje jantar.—E sabes tu porque? Porque mulher nenhuma levanta a tampa de uma caçarola quando está de roupão de *faille* e rendas Malines.

Uma grande reacção do seu temperamento communicativo de meridional, lavava-o a adiantar-se desmesuradamente no seu interesse por Paulina.

—No fim de contas, eu não posso ver-te assim nesta despreocupa-

ção portugueza de tudo o que é serio. Tu no fundo és uma boa rapariga, e a prova é que me aturaste todo este massudo sermão de moralista. Se fôres minha amiga, juro fazer de ti a mais invejavel mulher do mundo. O desterro d'esses impossiveis pós d'arroz foi para mim uma revelação.

LUIZ DE MAGALHÃES.

(Continúa).

BIBLIOGRAPHIA

III

SONETOS por Anthero do Quental—Bibliotheca da RENASCENÇA—I volume—edição de luxo.

E' uma grande obra n'um pequeno volume. Apenas vinte e oito sonetos em endecasyllabos, que se lêem em quinze minutos, mas que deixam uma impressão profunda e duradoura.

O nome que firma esses sonetos é o de um homem a quem uma fatalidade pathologica impediu de assumir o elevadissimo e extraordinario papel que lhe estava reservado na nossa litteratura e, porventura tambem, na nossa politica. E este prognostico podiam fazel-o ha quinze annos todos os que então lêssem essas duas vigorosas e nobilissimas cartas intituladas *Bom senso e bom gosto* e *Dignidade das lettras*, em cujas paginas ardentes e elevadas o sr. Anthero do Quental derrubava para sempre um monopolio critico-litterario, que conseguira reprimir nos limites chatos da banalidade, incensada de esturro classico, as tendencias poeticas e artisticas do espirito nacional.

Um pouco antes d'essas cartas—que nos revelavam um caracter de uma inflexibilidade antiga, tão imponente como sympathico—tinham sido publicadas as *Odes Modernas*, um grande livro, que a par da *Visão dos Tempos* marcará uma renovação brilhante na historia da poesia portugueza. As *Odes Modernas* caíram como um escandalo no meio da pacatez quintillianesca em que o espirito academico e artificial do Visconde de Castilho havia conseguido adormentar o talento dos novos poetas. Os criticos clamaram *urbi et orbi*, pela tuba dos seus pamphletos, que o sr. Quental era um doudo, que ninguem entendia os seus versos,—tão transviados andavam elles nas nebulosidades do metaphysicismo allemão; e grammaticos ineptos sorriram-se com desdem de poesias que começavam por uma adversativa sem a previa reticencia... Isto põe a claro o estado lastimoso da opinião critica d'esse tempo; e a vasta collecção de pamphletos, que este debate originou,

é uma prova inestimavel do ponto a que haviam baixado a independencia do pensamento e a dignidade litteraria, das quaes, pouco mais de meio seculo antes, tinham sido victimas, entre outros grandes vultos, Bocage e Francisco Manoel do Nascimento.

As *Odes Modernas*, profundamente revolucionarias, vieram dar um grande impulso, vieram pôr em movimento a energia poetica de um povo, cujo espirito litterario soffria de uma longa somnolencia morbida. Desde então um novo caminho estava aberto aos futuros poetas, e este grito de independencia promettia o renascimento da originalidade e da espontaneidade pessoal dos talentos. Taes esperanças não foram desmentidas: os nomes de Guerra Junqueiro, Gomes Leal, Penha, Crespo, Manoel Duarte de Almeida, Guilherme Braga, Simões Dias, Guilherme de Azevedo, Sousa Viterbo e de outros muitos, firmaram — e outros firmam ainda — na nossa poesia, obras de um extraordinario alcance, e de uma inspiração por vezes assombrosa, como na *Morte de D. João* e em alguns cantos enormes do *Anti-Christo*.

Tal foi o resultado d'essa gloriosa campanha de Parnaso em que tanto se distinguiram os auctores da *Visão dos Tempos* e das *Odes Modernas*.

Depois de um longo silencio, a musa do sr. Quental falla de novo. Temos os seus *Sontos*, que — comquanto não sejam litterariamente uma novidade — têm agora o incontestavel valor de se acharem reunidos de modo a unificar o seu pensamento, e a pôl-o em evidencia, salientemente.

Para fazermos uma critica justa e sincera, como a requer o nome superior e respeitabilissimo do poeta das *Odes Modernas*, temos de considerar os seus *Sonetos* sob dous pontos de vista — a idéa e a fórma: mais claro, a affirmação ideal que elles contêm, e depois o modo artistico como tal affirmação é pessoalmente percebida e realisada.

Quanto ao primeiro, diremos desassombradamente que os *Sonetos* do sr. Quental não se nos affiguram um progresso sobre as suas *Odes*. O pensador que se elevava acima da *sensiblerie* piegas do seu tempo para voar audazmente, e lançar na alta atmospheria dos ideaes novos o seu grito victorioso d'aguia, emquanto cá em baixo, no bucolismo das hervinhas e das olaias, a cigarra de Anacreonte chiava as suas cantigas estafadas; o pensador que agitava nos seus versos um vulcão de sentimentos modernos, que desejava ver na ultima hora

o claro sol, amigo dos heroes,

que se lançava ao Futuro tendo inscripto na flamula da sua lança adamantina a luminosa divisa do Goethe; esse pensador tão nobre, tão digno, tão heroicamente independente, que, com pouco mais de vinte annos, em dous pamphletos nervosos e energicos impunha de momento o seu nome ao respeito de um publico, raramente acatador; esse

pensador, dizemos nós, affigura-se-nos recolher-se como um asceta contemplativo ás regiões subjectivas do seu espirito, aniquilar-se inutilmente como um buddhista allucinado, quando troca nos *Sonetos* o seu antigo ideal poderoso e affirmativo de Vida e de Crença pelos terrores da Duvida e do Scepticismo, pela apologia da Morte e do Nada, pela absorpção negativa do seu pensamento na noute sepulchral de um transcendentalismo mystico e visionario.

Se os *Sonetos* do sr. Quental são pequenas syntheses psychologicas —e como tal os temos de considerar no segundo aspecto sob que olhamos a sua obra—então só nos cumpre fazer um leve reparo, e esse confirmará a accusação de *pessimismo* que levantamos contra o grande poeta. Porque é que o sr. Quental se reduz unicamente a representar-nos estados de espirito negativos e pathologicos? Porque sempre a duvida? porque sempre a descrença? porque sempre o idealismo mystico? e porque nunca um typo affirmativo e saudavel, uma incarnação das crenças novas, do valor moral, da alegria, do amor, da vida emfim?—E' uma negação da philosophia moderna? é um retiro brusco e misanthropico atraz do reducto selvagem e incommunicavel da philosophia de Schopenauer e Hartmann? Então a nossa queixa subsiste, e é bem amarga verdade o que affirmâmos dos *Sonetos*.

Sob o ponto de vista da forma, o unico adjectivo que exprime com verdade a impressão que os *Sonetos* deixaram no nosso espirito é este —assombrosos! Como representação artistica de estados psychologicos a nova obra do sr. Quental eleva-se a uma tal altura de perfeição, que nós, mais do que perante as suas *Odes*, nos curvamos reverente á vista de um talento que nos deslumbra e assombra. Aquelles vinte e oito sonetos têm lampejos de genio, d'esse genio profundamente synthetico que divinizou e immortalizou o nome de Shakspeare. E' impossivel em quatorze versos dar com mais nitidez e profundidade a nota de tantos e tão complexos estados moraes. N'alguns sonetos o quadro tem fundos dantescos e typos apocalypticos: *Mors-Amor*, *Mors Liberatrix*, *Divina Comedia*, o segundo e terceiro sonetos do *Elogio da Morte*, *O Inconsciente*, *Quia æternus*, *Espiritualismo*, *O Convertido*, *Ignotus* e *Nirvana* são para nós verdadeiros poemas. O artista é cada vez maior, e sob este aspecto as *Odes Modernas* são inferiores aos *Sonetos*.

Sentindo que o philosopho houvesse retirado o seu espirito de uma peleja, em que o seu enorme talento tinha um tão grande papel a desempenhar—nós, da nossa obscuridade, saudamos com entusiasmo o nome prestigioso e respeitado do que foi mestre e guia da nossa geração.

LUIZ DE MAGALHÃES.

EXPEDIENTE

A redacção da *Revista* agradece ao publico o acolhimento lisongeiro que fez ao seu primeiro numero, e que lhe garante esperançosamente o seu futuro.

Pede desculpa da demora no apparecimento do jornal, contando que os seguintes fasciculos saiam com mais regularidade.

A' Imprensa Conimbricense agradecemos as expressões de sympathia que nos dispensou.

Approveitamos a occasião para registrar o nome d'aquelles dos jornaes que trocaram com o nosso. São—*Era Nova, Aurora do Cavado, Conimbricense, Ordem, Academico e Voz do Povo.*

Pedimos a todos os outros a quem egualmente enviamos o nosso primeiro numero a fineza de nos participarem se desejam ou não trocar connosco.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS—*Elementos de Anthropologia*, por J. P. de Oliveira Martins, 2.^a edição—1 volume.

Brevemente daremos conta d'este notavel trabalho na secção bibliographica.

EXPEDIENTE DA REDACÇÃO

Como orgão do trabalho mental da presente geração academica, a *Revista* abre a porta a todos os que, nas condições do seu programma, lhe queiram honrar as paginas com a sua collaboração.

Previne-se comtudo que a Redacção reserva-se do direito de modificar os manuscriptos que lhe sejam enviados, todas as vezes que o julgue indispensavel.

Além d'isso, exige-se para a publicação que o artigo venha assignado pelo seu auctor, ainda que não se lhe publique o nome.

A *Revista* fará todo o possivel para dar conta na secção bibliographica das publicações recebidas.

Toda a correspondencia dirigida para a Redacção—Rua da Trindade, 36—COIMBRA.

LUIZ DE MAGALHÃES

PRIMEIROS VERSOS

1 volume imprenso em typo Renascença e Elzevir sobre papel de luxo, na Imprensa Portugueza.

À venda nas principaes livrarias de *Lisboa, Porto e Coimbra.*

Preço 500 réis.

REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA

PUBLICAÇÃO MENSAL DE LITTERATURA E SCIENCIA

COIMBRA

Publica-se ás séries de 6 numeros.

Preço de cada numero 100 réis.

Pagam-se adiantados tres numeros, á distribuição do 1.º e do 4.º de cada série.

Toda a pessoa de Coimbra ou da provincia, que enviar em estampilhas o valor de um numero, receberá logo o numero requisitado.

Enviando o valor de uma série será considerado como assignante e receberá a *Revista* mensalmente.
